



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional.

OS IMPACTOS NA SAÚDE DO (A) ASSISTENTE SOCIAL EM SEUS ESPAÇOS SÓCIO-OCUPACIONAIS

Luciane de Cassia de Faria¹

Aline Bernardes Teodoro²

Celia Regina Coimbra³

Resumo: As discussões sobre o tema saúde do trabalhador nos traz o conceito de equilíbrio dinâmico entre o organismo e seu ambiente, no entanto, os impactos vivenciados no cotidiano dos espaços sócio-ocupacionais vêm acarretando o adoecimento do (a) profissional Assistente Social, devido às dadas condições de trabalho. Isso, devido ao processo de flexibilização e privatização dos serviços, que refletem de maneira negativa na vida deste. Assim, através de questionário eletrônico realizado com profissionais Assistentes Sociais atuantes em diversas áreas e espaços na zona sul de São Paulo, buscou-se levantar indicadores sobre impactos acarretados no adoecimento do (a) Assistente Social a partir de fatores internos e externos que acarretam transtornos físicos e/ou psicológicos a estes profissionais. O resultado da pesquisa foi que as (os) Assistentes Sociais pesquisadas (os) não reconhecem que sofrem algum tipo de impacto físico e/ou psicológico durante a sua atuação profissional.

Palavras Chave: Assistente Social. Saúde do Trabalhador. Saúde. Trabalho. Precarização.

Abstract: The discussions on the topic of worker health brings us the concept of dynamic balance between the organism and its environment, however, the impacts experienced in the daily life of the socio-occupational spaces has been causing the sickness of the professional social worker due to the given work conditions. This, due to the process of flexibilization and privatization of the services, that reflect in a negative way in the life of this. Thus, through an electronic questionnaire carried out with professional social assistants working in several areas and spaces in the south of São Paulo, it was sought to raise indicators on impacts caused by the illness of the social worker from internal and external factors that lead to disorders physical and/or psychological benefits to these professionals. The result of the research was that the social workers surveyed do not recognize that they suffer any kind of physical and/or psychological impact during their professional performance.

Keywords: Private assignment; Social Work; Coordination of higher education.

INTRODUÇÃO

A saúde do (a) trabalhador (a) é tema que vem sendo discutido diante da necessidade de compreensão das relações entre o trabalho e o processo saúde/doença que acomete muitos trabalhadores. No entanto, em relação ao Serviço Social, tal tema se apresenta timidamente, de forma a contextualizar a atuação profissional, e não na perspectiva de um (a) trabalhador (a) que também é demandante das refrações do trabalho,

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Santo Amaro, E-mail: fariane.lc@gmail.com.

² Profissional de Serviço Social, Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Interlagos, E-mail: fariane.lc@gmail.com.

³ Profissional de Serviço Social, Hospital Next Santo Amaro, E-mail: fariane.lc@gmail.com.

e, portanto, alvo das precarizações, terceirizações, intensificação e superexploração do trabalho, conforme apresenta pesquisas mais recentes.

As discussões sobre o tema saúde do (a) trabalhador (a) nos traz o conceito de equilíbrio dinâmico entre o organismo e seu ambiente, no entanto, os impactos vivenciados no cotidiano dos espaços sócio-ocupacionais vêm acarretando o adoecimento do (a) Assistente Social, devido às dadas condições de trabalho. (RAICHELIS, 2011).

A literatura que disserta de forma objetiva os transtornos na saúde do (a) trabalhador (a), diante do exercício da sua prática profissional, apresenta que o processo de flexibilização e privatização dos serviços reflete de maneira negativa na vida deste, (NAVARRO, LOURENÇO, 2017), de modo que este vivencie situações que geram transtornos físicos e/ou psicológicos.

No que tange a precarização do trabalho, evidencia-se que o sistema capitalista favorece este adoecimento (RAICHELIS, 2015; SILVA, 2015), porém por outro lado, o (a) trabalhador (a) fica à mercê de condições desfavoráveis, onde necessita suprir necessidades essenciais para a sobrevivência com a venda de sua força de trabalho, gerando uma atuação precarizada.

Sabemos que o trabalhador (a) profissional Assistente Social se dá em vários espaços sócio ocupacionais, e desta forma esta pesquisa coletou informações amplas sobre o tema proposto em várias esferas ocupacionais, onde o trabalho destes profissionais se realiza através de atendimentos diretos aos usuários dos serviços, na elaboração de relatórios sociais, encaminhamentos pertinentes às inúmeras situações apresentadas diante das expressões da questão social, pela participação nas equipes multiprofissionais, visitas domiciliares, entre outros.

Dessa forma, para o levantamento de indicadores sobre o adoecimento do (a) profissional Assistente Social, utilizamos um questionário eletrônico, o qual, enviado às profissionais Assistentes Sociais através de redes sociais e e-mails, e que nos retornou com prévia de como as condições de trabalho vêm influenciando em sua saúde.

1 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A SAÚDE DO (A) ASSISTENTE SOCIAL

No Brasil as discussões sobre saúde em todo seu processo histórico com os seus desafios e conquistas, passou pelo discurso repleto de contradições, diante do sistema capitalista que é antagônico e que separa por classes distintas a sociedade, onde uma parte sendo a minoria é privilegiada por não necessitar de um 'Estado' mínimo, para ter acesso à

saúde em sua amplitude, enquanto o proletariado fica as margens de migalhas do Estado, para ter acesso ao digno e sanar suas necessidades mais básicas.

[...] A saúde enquanto questão humana e existencial é uma problemática compartilhada indistintamente por todos os segmentos sociais. Porém as condições de vida e de trabalho qualificam de forma diferenciada a maneira pela qual as classes e seus segmentos pensam, sentem e agem a respeito dela. Isso implica que, para todos os grupos, ainda que de forma específica e peculiar, a saúde e a doença envolvem uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana e de atribuição de significados [...] (MINAYO, 2000, p. 15).

Não podemos deixar de citar também a relação saúde-doença no contexto da rotina do trabalho que pode acarretar o adoecimento físico e/ou psicológico do indivíduo que atua em vários segmentos societários, dando um 'propósito' diante das necessidades de ser, ter, estar indiferente e suas ocupações ou funções, mas na perspectiva de pertencimento na sociedade, visando no trabalho proposto o recorte da saúde do (a) trabalhador (a) e não focando nas relações sociais de falta de trabalho.

Em nossa historicidade retrata-se o processo de industrialização onde houve a troca do sistema de manufatura e o da máquinofatura, aumentando o poder de venda de quem detinha os meios de produção (relação existente até os tempos atuais, onde o capital circula em torno do interesse próprio de uma classe burguesa, sem pensar na sociedade enquanto coletivo e suas necessidades), ficando para o restante e a grande maioria da sociedade vender sua força de trabalho em troca de um salário injusto para assim poder proporcionar o mínimo para sua própria existência, resultando grande impacto na vida e no bem-estar da sociedade até os dias atuais. Estes impactos gerados pelo sistema capitalista expandem fazendo com que as condições de trabalho fiquem cada vez mais fragmentadas, aumentando assim as expressões da questão social que 'saltam' diante da sociedade.

Tais condições são apresentadas por Antunes (2011) que explicita o processo de adoecimento social e os impactos da globalização. E fazendo uma analogia com as relações de trabalho do (a) Assistente Social é perceptível que o processo de transformação da sociedade gera transtornos e demandas que dificultam respostas a todos os apelos da sociedade diante do que é primário para sobrevivência humana.

Diante das demandas do cotidiano de trabalho do Serviço Social, existem fatores determinantes que podem ocasionar o adoecimento profissional direta ou indiretamente, contudo a pressão do ambiente de trabalho e todas suas questões na contemporaneidade são fatores presentes em qualquer contexto trabalhista. Cabe destacar que o trabalho do (a) assistente social se dá em atendimentos, muitas vezes direto com as expressões da questão social e todas as somas desta questão em um mesmo atendimento, condicionando

possíveis transtornos para este profissional, já que o aumento dessas expressões gera impacto nos órgãos/instituições que atendem estas demandas.

Mas, para Raichelis (2011), o processo de adoecimento físico ou psicológico no ambiente de trabalho é um assunto ainda pouco discutido e necessita ser mais aprofundado na literatura do Serviço Social, e nesta dinâmica, as vivências cotidianas no exercício de sua profissão, trazem reflexões acerca da saúde do (a) trabalhador (a) Assistente Social, mediante a todas as ações inerentes de sua atuação.

[...] Verifica-se a mesma tendência no debate sobre a saúde do trabalhador. De modo geral, as pesquisas e análises sobre trabalho e saúde, ou mais propriamente sobre o adoecimento dos trabalhadores decorrente das condições em que realiza seu trabalho, são relações problematizadas a partir da sua incidência na classe trabalhadora, não incluído aí o Assistente Social como sujeito vivo do trabalho social, sendo quase inexistentes estudos e pesquisas que tomam como objeto os próprios profissionais que sofrem e adoecem a partir do cotidiano de seu trabalho e da violação de seus direitos. [...] (RAICHELIS, 2011 p. 426).

Portanto, a reflexão sobre a saúde do (a) trabalhador (a) traz um olhar sobre as questões que podem interferir em sua qualidade de vida, tal como a precarização das condições de trabalho, ou ainda por assuntos sobre a terceirização.

[...] instabilidade, competitividade, ritmo acelerado, maximização do trabalho, constante ameaça do desemprego, constrangimento utilizado pelas chefias em relações hierárquicas, condições insalubres, acidentes e mortes decorrentes do trabalho em que os trabalhadores terceirizados são os mais atingidos, remuneração que não cobre as exigências necessárias à sobrevivência, ausência de condições de moradia, serviços de saúde escassos, esforço físico e mental excessivo, ausência de tempo livre necessário, discriminação, preconceito, opressão de classe, gênero, raça, etnia, etária e orientação sexual. (NAVARRO; LOURENÇO, 2017, p. 226-227).

Na perspectiva sob a saúde do (a) trabalhador (a) Assistente Social, fragiliza-se dado ao fato de que este atua dentro de um processo institucional, onde a determinação de afazeres pode não estar relacionada totalmente ao seu desempenho profissional, nas condições corretas do exercício profissional.

[...], pois a ansiedade e a incerteza vivenciadas no trabalho se projetaram nos projetos de vida de cada um, afetando inclusive a vida familiar. Por outro lado, em um nível psicológico mais profundo a precarização do trabalho atinge fortemente o sentido do trabalho para quem o executa e prejudica a possibilidade de sublimação. (NAVARRO; LOURENÇO, 2017, p. 287).

Para associar a saúde do (a) trabalhador (a) e as demandas que são relevantes a sua atuação, se faz necessárias observações em torno dos segmentos onde este (a) profissional está inserido (a), na lógica da força de trabalho e de como se flexibilizará esta prestação de serviço, dado que o (a) assistente social venda sua força de trabalho.

Tal situação provoca inúmeras consequências, como o aumento de competitividade entre os profissionais, a impossibilidade de aperfeiçoamento profissional com cargas menores de trabalho, por conta da necessidade de vários empregos para a composição de um nível salarial mínimo, além do desgaste físico e emocional. Na perspectiva sindical, tal situação dificulta a unificação de pautas de luta para a categoria. (SERRA, 2010, p. 141).

Contudo, sendo o (a) Assistente Social trabalhador (a) assalariado (a), e ainda que sua intervenção profissional só se realize através e intermediada por instituições, sejam elas públicas ou privadas, a profissão “acaba sendo condicionada pelo tipo, pela natureza, pelo formato, pela modalidade de atendimento das questões sociais pelo Estado burguês.” (GUERRA, 2005, p. 4).

2 MÉTODOS DE PESQUISA

O método utilizado para responder nossa pesquisa foi instrumentalizado por um questionário eletrônico a fim de identificar as possíveis relações entre o adoecimento e a atuação do (a) Assistente Social. Composto por 23 (vinte e três) questões de múltipla escolha, e um campo livre para sugestão não obrigatório, distribuídas em 4 categorias a priori. Sendo elas: a) Informações introdutórias sobre as condicionalidades para participação na pesquisa; b) Informações profissionais; c) Caracterização do espaço sócio-ocupacional; d) Condições de trabalho.

Os sujeitos de pesquisa foram Assistentes Sociais que atuam em diversas áreas na zona sul de São Paulo, (o questionário identificou e selecionou a região) eleitos a partir do interesse em participação na pesquisa, com a proposta de compreender a partir dos sujeitos elegíveis quanto a sua clareza sobre o processo de adoecimento e sua condição de trabalho dada.

Assim ao iniciarem o preenchimento do questionário, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo), os sujeitos de pesquisa foram comunicados e convidados a participarem da pesquisa recebendo o link do formulário eletrônico que foi disponibilizado através das redes sociais e e-mails a qual a sua participação constituiu-se facultativa. Os sujeitos de pesquisa que concordaram em participar desta pesquisa clicaram sobre o link “Próximo” do formulário eletrônico para evoluir no preenchimento do instrumento de pesquisa. O questionário foi divulgado eletronicamente durante o período de 07/07/2017 a 07/08/2017.

O instrumento de pesquisa utilizado nos proporcionou verificar qualitativamente a existência de influência na saúde do (a) Assistente Social, tanto física quanto psicológica, também nos possibilitou obter informações concretas na perspectiva de entender a existência de dificuldades e sucateamento nos espaços sócio-ocupacionais onde estes profissionais estão inseridos, e que de alguma forma, acarreta em seu adoecimento.

Os dados resultantes da pesquisa em campo foram sistematizados e interpretados à luz dos referenciais teóricos expoentes sobre a questão em análise. Pois, “O tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, por fim, objetivam tornar os dados válidos e significativos” (GIL, 2012, p. 153).

Assim, primeiramente realizamos a tabulação das informações através de planilhas eletrônicas no software Excel, e depois calculamos os percentuais de cada questão e as transformamos em gráficos. A organização sistemática das informações possibilitou inferir aspectos importantes para a análise dos dados pertinentes ao objeto estudado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo principal desta pesquisa foi apresentar uma discussão sobre os fatos que causam desconforto ou até adoecimento físico e/ou psicológico ao (a) Assistente Social diante das suas atividades cotidianas em seus espaços sócio-ocupacionais.

No período em que esteve disponível, a pesquisa obteve 114 (cento e quatorze) participações, destes 112 (cento e doze) são profissionais Assistentes Sociais. Dado ao fato de a pesquisa se propôs a trabalhar com sujeitos de pesquisa atuantes na zona sul da cidade São Paulo, a coleta de dados apresenta, portanto, 48,2% de participação desses profissionais. E identificamos que grande parte destes (as) respondentes, alegam uma eventual existência de impacto físico e/ou psicológico que esteja relacionado à sua atuação profissional. O que nos inquieta diante da literatura, em que autores tais como Raichelis (2011) apontam que:

[...] a mesma tendência no debate sobre a saúde do trabalhador. [...] as pesquisas e análises sobre trabalho e saúde, ou mais propriamente sobre o adoecimento dos trabalhadores decorrente das condições em que realiza seu trabalho, são relações problematizadas a partir da sua incidência na classe trabalhadora, não incluído aí o assistente social como sujeito vivo do trabalho social, sendo quase inexistentes estudos e pesquisas que tomam como objeto os próprios profissionais que sofrem e adoecem a partir do cotidiano de seu trabalho e da violação de seus direitos. (RAICHELIS, 2011, p. 426).

A maior parte destes profissionais participantes atuam na área da Assistência Social (50%), outra parcela considerável é atuante na área da Saúde com 34%, praticamente 1/3 (um terço) dos (as) pesquisados (as). E considerando as demais e diversas áreas que se fracionam para compor a outra fatia dos dados coletados totalizando os 3/3 (três terços) estão divididos nas áreas de Empresa, Sócio Jurídico, Educação e Docência.

Sabemos que diferente do último levantamento realizado pelo CFESS quanto ao perfil profissional, temos uma grande parcela de Assistentes Sociais trabalhando na

Assistência Social, isso diante da “terceirização” dos serviços públicos, onde, através de convênio/parceira com o poder público, as organizações não governamentais contratam profissionais para a execução das ações.

Outro fator relevante dessa pesquisa foi saber se os (as) profissionais têm sido contratados como Assistente Social de fato, ou com cargos genéricos, de forma que a atuação não se adeque aos requisitos da categoria e ao Código de Ética. Neste contexto foi possível verificar como o (a) Assistente Social também sofre pressão como trabalhador (a) perante o exposto no processo capitalista na sociedade.

Contudo, os dados da pesquisa mostram que 57,4% são contratados como Assistente Social, 22,8% como Técnico Social e 5,6% Analista Social. Estes cargos genéricos podem afetar de alguma forma o (a) profissional, com demandas que podem não corresponder às competências e atribuições da categoria ou pode não intervir de forma qualitativa nas demandas apresentadas nestes serviços que se encontram empregadas, sendo fundamental a conscientização profissional sobre as consequências resultantes das “escolhas” de cargos genéricos. Mas a divergência da nomenclatura de um (a) assistente social ocorre como forma de conseguirem manter seus cargos mediante as necessidades existentes na sociedade, resultante obviamente do capitalismo vigente, e ainda, conforme Martinelli (2011) “fetiche da prática”, que “está impregnado na estrutura da sociedade, se apossou dos assistentes sociais, insuflando-lhes um sentido de urgência e uma prontidão para a ação que roubavam qualquer possibilidade de reflexão e de crítica”. (MARTINELLI, 2011, p. 127).

Neste contexto, mostra-se que o (a) Assistente Social como classe trabalhadora sofre pressão perante o processo capitalista na sociedade, onde o fator de cargo genérico levanta a hipótese desta pauperização da classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho à troca de um salário, submetendo-se a estas instituições e remetendo seu trabalho a uma “autonomia relativa”.

Em relação à associação do exercício da profissão a alguma questão que envolva sua saúde, dentre os (as) profissionais que responderam à pesquisa, 70,4% não consideram que durante sua atividade profissional exista interferências direta em sua saúde. Nesse sentido, evidencia-se que existem desafios a serem superados na perspectiva do (a) profissional Assistente Social se reconhecer enquanto classe trabalhadora, a fim de relacionar a sua atuação se comprometendo com o seu projeto ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo. Isso fica corroborado quando na pesquisa, 41,5% das (os)

profissionais, respondem que apenas em algumas situações conseguem articular tais competências essenciais para a sua atuação.

Contudo, devemos considerar que esses (as) profissionais estão todos os dias frente aos desafios das expressões da questão social, lidando com demandas desafiadoras, perante todo o quadro de precarização do trabalho e das políticas públicas atuais na sociedade capitalista. Martinelli (2011) afirma que o Serviço Social enquanto profissão atua implicitamente com a alienação, contradição e o antagonismo da categoria perante a sociedade na qual estão inseridos. E muitas vezes ainda se pautam nas ações filantrópicas herdadas do primeiro damismo, outro ponto advindo da burguesia em busca de controle social, e conforme Martinelli (2011, p. 62) [...] A “falsidade de consciência”, que está na base das ações da burguesia, tem suas raízes na alienação, elemento fundante da existência social no mundo capitalista.

Entre os (as) pesquisados (as), 63% responderam não sofrer nenhum problema físico e/ou psicológico, no entanto, temos um número expressivo, 57,4% relacionado a algum tipo de desconforto perante a instituição empregadora. Assim, podemos analisar que o adoecimento se apresenta, pois

Em um contexto societário de transformações no trabalho de tal monta, marcado pela retração e, mesmo, pela erosão do trabalho contratado e regulamentado, bem como dos direitos sociais e trabalhistas, ampliam-se também as relações entre trabalho e adoecimento, repercutindo na saúde física e mental dos trabalhadores, nas formas de objetivação e subjetivação do trabalho. (RAICHELIS, 2011, p. 421).

O que pode também ser confirmado quando relacionado aos impactos considerados mais alarmantes em sua saúde, onde houve a possibilidade de respostas como: Estresse; Fadiga; Depressão; Dores de cabeça, e o que se apresentou foi que o estresse é apontado como o mais comum durante a atuação profissional com 64,2%, seguido de dores de cabeça com 11,3%.

Os números ainda evidenciam para fins desta pesquisa que nas questões sobre sua atuação profissional 88,9%, referem não possuir nenhum tipo de afastamento médico relacionado às suas questões de saúde. E que 77,8% não fazem nenhum tipo de tratamento em consequência a algum problema de saúde. Mas podemos verificar que a tendência ao adoecimento dos (as) trabalhadores (as) decorrente das condições em que ele (a) realiza seu trabalho, e que segundo Raichelis (2011) “são relações problematizadas a partir da sua incidência na classe trabalhadora”, para além de apresentar que a quase inexistência de estudos que tratem sobre o adoecimento do (a) Assistente Social acaba por deixar as discussões apenas no contexto particular e não a partir do cotidiano de seu trabalho, acarretando assim, a violação dos direitos profissionais.

Os dilemas da alienação são indissociáveis do trabalho assalariado e incidem no exercício profissional do assistente social de diferentes modos, dependendo de quem são seus empregadores — o Estado, a empresa privada, as ONGs, as entidades filantrópicas, os organismos de representação política — e da organização e gestão dos processos e relações de trabalho nos diferentes espaços sócio-ocupacionais onde realizam sua atividade. (RAICHELIS, 2011, p. 427).

Portanto, a não compreensão por parte dos (as) profissionais sobre o processo de adoecimento em seu espaço sócio-ocupacional interfere diretamente nas formas de objetivação e subjetivação do trabalho, dificultando assim, que esses (as) trabalhadores (as) relacionem as relações de trabalho ao seu adoecimento física e mental. O que segundo Raichelis (2011) acarreta a

desvalorização e descartabilidade das pessoas aprofunda o processo de alienação e estranhamento do trabalho, radicalizando a coisificação das relações humanas e fragilizando as identidades individual e coletiva e a dimensão ética do trabalho, principalmente pela situação de desemprego estrutural. (p. 430).

Quanto à questão relacionada a possíveis interferências que a instituição empregadora possa exercer sobre a sua conduta profissional, temos que, 75% das (os) Assistentes Sociais percebem que em algum momento de sua atuação profissional, sofre algum tipo de influência institucional que acarreta de certa forma à sua atuação, no entanto, não apresentam a crítica sobre a dimensão do trabalho concreto e abstrato. Isso ocorre inclusive devido ao não aprofundamento da literatura profissional relacionada à questão do adoecimento.

Isso se confirma quando apenas 18,2% dos sujeitos de pesquisa afirmam a existência de interferências institucionais em suas condutas profissionais, o que pode estar relacionado às consequências referentes ao capitalismo, onde se apropriam de sua mão de obra, tendo que se adaptar às condições que lhe são impostas em seu âmbito de trabalho, dado ao fato que estes necessitam de seus empregos.

No entanto é importante salientar que tais imposições possam lhe acarretar adoecimento físico e/ou psicológico, cujos aspectos de nossa pesquisa pressupõem que a precarização do trabalho nos espaços onde estão inseridos, aprisionam e alienam a classe trabalhadora, acarretando seu possível adoecimento.

O que se observa com maior frequência – certamente em função da centralidade da classe operária na produção capitalista e dos inúmeros estudos sobre os impactos da reestruturação produtiva nas relações e condições de trabalho desta classe – é o assistente social analisar (e indignar-se) frente à exploração e ao desgaste a que são submetidos os trabalhadores assalariados, mas estabelecendo com estes uma relação de exterioridade e de não pertencimento enquanto um segmento desta mesma classe. (RAICHELIS, 2011, p. 426).

O reconhecimento enquanto categoria e classe trabalhadora perpassa por um processo reflexivo desde sua formação, inserção no mercado de trabalho e sustentação da

consciência crítica reflexiva durante sua atuação, devendo ainda manter-se atualizado (a) com as mudanças sócio políticas.

Contudo, o processo de análise realizado nesta pesquisa, constata a necessidade do (a) profissional Assistente Social perceber o que vivencia nos espaços sócio-ocupacionais, como intervém nas demandas e principalmente em como a instituição o (a) enxerga. Sendo assim, fica evidente a ausência de um olhar crítico, inclusive, advindo até mesmo do processo formativo em identificar certas atitudes nestes espaços.

Neste sentido, se faz necessário mobilizar um número significativo de profissionais, que talvez através da pesquisa respondida reflitam sobre sua atuação profissional e em como a “classe” se reconhece e que a partir dessa reflexão se inquietem enquanto classe trabalhadora perante a dialética em se transformar e transformar a sociedade que se renova diariamente. A premissa da pesquisa é fazer com que o (a) profissional Assistente Social se indague de qual é o real propósito que o move pensando em novas possibilidades de enfrentamento a causa do Serviço Social e que isso reflita de forma positiva na sua qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de elucidar as condições de trabalho e suas relações, nota-se que trabalhadores (as) são comprometidos diretamente diante do “empobrecimento” do processo de trabalho. Contudo as relações que envolvem o processo de flexibilização e precarização do trabalho, são assuntos de extrema relevância para compreender a existência de impactos vivenciados por Assistentes Sociais cotidianamente, para assim minimizar possíveis agravamentos que impossibilitem o exercício de suas atividades laborativas e ter um nível adequado de qualidade de vida.

Para o (a) trabalhador (a) é importante manter-se no trabalho, já que sua força de trabalho é o que o torna útil para o sistema capitalista, fazendo assim com que essa dinâmica do trabalho versus trabalhador, Apresente ao sujeito seu valor, dado ao fato a relevância de sua mão-de-obra ser essencial para uma expansão do modo de produção capitalista, na qual a sociedade está inserida.

Foi possível identificar fatores internos e externos que acarretam transtornos físicos e/ou psicológicos aos profissionais Assistentes Sociais, que atuam diretamente com as mazelas da questão social, vendendo sua força de trabalho em uma sociedade cada vez mais individualista e que se encontra em transformação sociopolítica preocupante.

Conclui-se com a pesquisa realizada que 57,4% dos participantes sofrem algum tipo de desconforto diante da instituição empregadora e demonstram sofrer de impactos físicos e/ou psicológicos diante das demandas apresentadas, onde 63% declaram sofrer de estresse, 11,1% sofrem de dores de cabeça e 7,4% declaram sofrer de fadiga. No entanto, evidencia-se no processo de atuação, o receio destes (as) profissionais perderem seus cargos/funções caso posicionem-se contrários a alguma ação ou ideal institucional, o que perpassa no processo capitalista e principalmente neoliberal que faz com que o trabalhador vivencie situações vexatórias em prol de sua necessidade econômica.

Com o processo de precarização e terceirização dos serviços, na atual conjuntura torna-se cada vez mais necessário dialogar sobre possíveis impactos relacionados à saúde dos (as) trabalhadores (as) Assistente Sociais. Contudo não deixamos de contextualizar as condições postas para o (a) Assistente Social, que de acordo com Antunes (2011), na perspectiva direta serem autores (as) na condição de afiançar direitos de todos, e como são parte desta classe trabalhadora, entende-se também a necessidade de criar estratégias para suporte na qualidade de vida destes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

GUERRA, Yiolanda. **O Serviço Social frente à crise contemporânea: demandas e perspectivas**. In Revista *Ágora: Políticas Públicas e Serviço Social*, Ano 2, nº 3, dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000582.pdf>>. Acesso 04 jun. 2017.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: Identidade e alienação**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

NAVARRO, Vera Lucia, LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza (Orgs.). **O Averso do trabalho IV Terceirização: Precarização e adoecimento no mundo do trabalho**. 1. ed. São Paulo, Outras Expressões, 2017.

RAICHELIS, Raquel. **O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente às violações de seus direitos**. *Serv. Soc. Soc.*, n. 107, p. 420-437, São Paulo: Cortez, 2011.

RAICHELIS, Raquel. SILVA, Ociana Donato da. **O assédio moral nas relações de trabalho do(a) assistente social**: uma questão emergente. *Serv. Soc. Soc.*, n. 123, p. 582-603, São Paulo: Cortez, 2015.

SERRA, Rose M. S. **Crise de Materialidade no Serviço Social**: repercussões no mercado profissional. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.